

A INDEPENDENCIA

LIBERDADE E JUSTIÇA

Redactor e editor Candido Augusto Landolt,

INSTRUÇÃO E PROGRESSO

ANNO IO. No corpo do jornal cada linha..... 30 reis Anuncios, cada linha..... 30 Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, administração e typographia, rua da Janqueira, 42.	PUBLICAÇÕES	PUBLICAÇÃO SEMANAL	ASSIGNATURA	Semestre..... 700 reis	N.º 457
				Anno..... 12000 * Pelo correio..... 14500 * Brasil, anno, moeda forte..... 35000 *	

Povo de Varzim, Sabbado de 7 Fevereiro de 1891

A REVOLTA

Nada mais triste, na mais inquietadora e nada mais horrível que essa tremenda luta sanguinolenta, travada entre irmãos, e que deixaram a nação inteira concernida pela sorte d'um punhado de aventureiros que tentaram modificar o nosso systema governativo.

Foi na cidade do Porto, n'essa velha e heroica cidade cheia de gloriosas tradições, que se deu a revolta militar, de uniao com alguns republicanos, que vendo as ruas juncadas de heroes, se puseram em fuga, deixando-os á merce das balas e dos canhões...

As descrições d'essa malaventurada revolta já a estas horas estão feitas; no entanto, no proposito de deixar no nosso jornal registados os grandes acontecimentos, vamos publicar o que de mais importante se passou, ainda que a isso tentamos de sacrificar outros assumptos.

Agora, duas palavras: Não é mandando fuzilar todos esses revoltosos, como ordena a lei, que a patria fica salva. S. Magalhães El-Rei o Senhor D. Carlos I, usando d'uma benevolencia muito peculiar na sua familia, deve evitar, quanto possível, que esses desgraçados sejam justiciados.

E' bem verdade que todos pegaram em armas para depôr o Senhor D. Carlos, mas tambem é muito evidente que a soldadesca foi a isso impellido pelas falsas imposições dos cabecas da desordem: d'esses cobardes que ouvindo as balas a sibilar, desertaram do seu posto deixando os soldados inespertos a dar fogo desordenadamente.

Castigo immediato, castigo severo como o caso requer—mas, castigue-se com humanidade; e, podendo ser, que fiquem de fóra os innocentes, que os ha.

Desde dous dias dizia-se na cidade e um jornal mesmo registou o boato, de que os soldados do caçadores 9 projectavam effectuar um pronunciamento. Na noite de sabbado espalhou-se nos cafes que o movimento d'insurreição se verificaria n'essa madrugada, pelas tres horas. A propria circumstancia d'essa divulgação fez acreditar ao geral do publico que se tratava d'uma noticia sem fundamento algum.

Nos arredores do quartel da rua das Typas ajuntaram-se pois só uns quatro ou cinco curiosos idos na ideia de ver se se realisava effectivamente a fallada sublevação. Ah! pelas duas horas e meia da madrugada soaram dentro do quartel grandes clamores. Na parada tinham-se reunido os soldados e os sargentos, gritando vivas á republica. Alguns foram intimar o coronel e outros officias a tomarem o commando para revolta e como elles se recusassem, deixaram-nos fechados, ficando de guarda ali o capitão de inspecção com alguns soldados. Os outros sahiram em tumulto, guiados por o alferes sr. Malheiro.

Em frente da cadeia os caçadores formaram a dous de fundo e seguiram em ordem e silencio, através a noite densa de bruma pelas ruas d'Assumpção e Clerigos, subindo logo a rua do Almada e indo postar-se no centro do Campo da Regeneração.

Alguns populares ajuntaram-se e passou a noticia de que todos os corpos da guarnição haviam combinado reunir-se alli em revolta.

Soldados de caçadores tomaram as

entradas das ruas que abrem para o Campo e n'este disparou-se um tiro, provavelmente signal para os soldados de infantaria 18 se sublevarem tambem.

Neste momento uma força de infantaria da guarda municipal chegou pela rua do Almada e parou á entrada do Campo da Regeneração.

Uma força de cavallaria da mesma guarda appareceu tambem, parando no cimo da rua do Almada. Parece que as posições foram tomadas de maneira a poder-se tolher facilmente o movimento dos caçadores.

O sr. major Graça que commandou a força municipal adiantou-se ao centro do Campo e perguntou quem era o commandante d'aquelle bando insurrecto.

Avançou o sr. alferes Malheiro que declarou ser elle o commandante por vontade dos seus soldados.

O sr. major Graça instou com elle para que recolhesse com os insurgentes, dizendo-lhe que era ainda tempo de emendarem o mal feito.

O sr. alferes Malheiro retorquiu que se achava comprometido e que iria para diante com os seus soldados acontecendo o que acontecesse.

O sr. Graça instou mais para que os militares voltassem para o quartel. Então um cabo gritou-lhe:

—Meu major, queira retirar, cáias pôde receber alguma desfeita.

Vendo que seriam inúteis todos os estorpos para demover os revoltados, o sr. major Graça afastou-se.

Deu ordem para que a força da guarda occupasse posições, o que se fez tomando as entradas das ruas do Almada, Gonçalo Christovão e Martires da Liberdade. A esse tempo forças de cavallaria e infantaria da mesma guarda tapavam as estradas para o Campo pelo lado da Lapa.

Em breve chegaram forças de cavallaria e de infantaria da guarda fiscal, e tambem parte do regimento de infantaria 10 que se installou proximo da casa Pamplena.

A guarda municipal mudou de posições, adiantando-se um pouco no Campo e destacando soldados para fechar as ruas que alli desembocam.

O numero dos populares que accorreu era ainda insignificante e fazia pequenos grupos a breve distancia das forças da guarda.

No Campo da Regeneração

Ahi pelas quatro horas ouviram-se uns tres tiros e grande vosearia na parada do quartel d'infantaria 18. Dizia-se pouco depois que companhias d'esse regimento pretendiam sahir, mas tinham as portas fechadas e fechado tambem o armamento.

As forças sublevadas continuaram formando quadrado no Campo da Regeneração e d'espaco a espaco heravam vivas á republica. No local compareceu, segundo nos disseram, o sr. general de brigada, que retirou vendo que não podia demover os soldados do seu intento subversivo.

Passado pouco as forças de cavallaria e infantaria da guarda municipal foram retirando do local, e os grupos pouco numerosos dos populares entraram então para o Campo da Regeneração e podemos nós tambem já chegar na nossa missão de reporter até alli muito difficulada, como se comprehende bem. Desde logo se percebia desanimo quanto ao exito da empreza; os proprios soldados insurrectos confessavam que não podendo adherir o regimento d'infantaria 18, e não se apresentando a bateria d'artilleria da Serra do Pilar, o resultado devia ser de derrota.

As tropas mudaram a sua situação depois das cinco horas da madrugada, postando-se a cavallaria da guarda

fiscal, commandada por um sargento, junto da porta principal do quartel do 18 e indo as forças de caçadores 9, infantaria 10 e infantaria da guarda fiscal para a outra face do quartel, do lado da igreja da Lapa.

A's seis horas da manhã, quando a aurora principiou a apontar, fazendo rasgos claros na espessura das nuvens negras, os sinos da Lapa começaram a tocar a rebate. A população operaria que tinha a sua hora de entrar nas officinas, principiou a annuar as ruas e sabendo que havia sublevação militar encaminhou-se ansiosamente para o Campo da Regeneração, indo depois para junto das tropas proximo da Lapa. Da parte dos militares e do povo houve vivas ao exercito, á patria, á republica, etc.

Como de dentro do quartel continuasse o voseio, pensou-se entre os incorrectos que os soldados do infantaria 18 queriam mas não podiam saber. Resolveram arrombar a porta do quartel e lançaram-se a essa tarefa conseguindo franquear a entrada.

Uma vez dentro obtiveram os sublevados a adhesão d'uma parte do regimento.

Reuniram-se no largo fronteiro á igreja as tropas e appareceu uma banda militar que executou a *Portuguez*.

Com essa banda á frente, os soldados seguiram a rua da Lapa, n'essa ordem: infantaria da guarda fiscal, caçadores 9, infantaria 10 e infantaria 18. Atraz a cavallaria da guarda fiscal. Os populares acompanharam a tropa, seguindo de caminho, uns e outros, vivos.

Atravessaram o Campo da Regeneração e desceram a rua do Almada. Ao ruido da musica e da gritaria a uma janella ou outra appareciam cabecias de curiosos.

Na Praça de D. Pedro

Os soldados fizeram a volta da Praça de D. Pedro e alinharam-se junto do edificio da camara. A cavallaria da guarda fiscal situou-se junto da igreja dos Congregados.

Por entre os grupos que se formaram na praça de D. Pedro, andavam os conhecidos agitadores republicanos que depois entraram para o edificio dos paços do concelho. Appareceram em seguida á varanda central e o sr. dr. Alves da Veiga preferiu a discurso, declarando proclamada a republica. O actor Miguel Verdial leu os nomes dos individuos que deviam compôr o governo provisório e eram os srs: Rodrigues de Freitas, desembargador, Bernardo Soares, general reformado, Correia da Silva, dr. Licio Pinto Leite, dr. José Ventura dos Santos Reis, dr. Alves da Veiga e Joaquim d'Azavedo Albuquerque.

A tropa apresentou armas e a banda de musica tocou a *Portuguez*. D'ahi a um quarto d'hora surgiu um individuo trazendo uma bandeira vermelha. Essa bandeira foi levada para a varanda da camara e ali drapejada. Os soldados apresentaram de novamente armas e houve ainda vivos.

N'este entretanto o destacamento de cavallaria 6 subia pela rua de Santo Antonio indo collocar-se perto do quartel general. A guarda municipal tomou posições nas escadas da igreja de Santo Ildefonso e na praça da Batalla e cimo da rua do Captivo.

A's oito e meia, as tropas sublevadas, com a banda á frente, e com numerosos populares, foram pela rua de Santo Antonio acima.

O primeiro recontro

A guarda municipal que se postára nas escadas de Santo Ildefonso fez signal de corneta para que os insurrectos

recusassem. Como elles proseguissem avançando, na occasião em que chegavam perto do estabelecimento Gustavo Braga, os municipaes fizeram uma descarga para o ar.

Os insurrectos responderam com uma descarga rasteira e estabelecimento e o tirotoio. O panico entre os curiosos que seguiam a tropa, foi espantoso, lancinantissimo. Muitos municipaes ficaram gravemente feridos.

Sob as estraladas da fuzilaria, os populares procuravam refugio nos estabelecimentos e nos portaes. Mas os proprietarios das lojas trataram de fechar as portas para impedir o assalto dos apavorados.

D'esta maneira diversos simples curiosos foram feridos e mortos pelas balas.

A guarda municipal vantajosamente postada e desfechando com toda a valentia estabeleceu a desordem nas fileiras dos sublevados.

Eles encostaram-se ao longo das paredes offerecendo o menos corpo possível aos tiros da guarda e sustentando o tirotoio por bastante tempo.

Aguns guardas fiscaes subiram para os andares superiores e d'ali dispararam sobre a municipal.

Depois vendo que esta sustentava denodadamente o fogo, trataram de retirar.

Alguns conseguiram arranjar cordas e descer pelas trazeiras dos predios que teem communicação com a passagem do Principe Real.

Afinal com o fogo vivissimo e seguro da guarda municipal, as tropas retiraram-se forçadas a retirar para a praça de D. Pedro.

A força municipal juntou-se por ultimo a parte fiel do regimento de infantaria 18. Depois como a guarda mudou de posição, infantaria 18 foi para o largo da Cancellaria Velha onde se conservou até á tarde, destacando para a rua do Laranjal.

O aspecto da rua de Santo Antonio, depois do combate era terrivelmente singular. No pavimento corpos de feridos e mortos, capacetes e espingardas dos soldados que haviam cahido ou tinham debadado em grande fuga.

As vidraças dos estabelecimentos, as portas e as paredes dos predios todas esburacadas pelas balas. O local tinha bem o caracter d'um sitio de peleja com o solo empoçado de sangue em notas tragicas.

Logo que o fogo terminou com a retirada dos insurrectos, procurou-se transportar os feridos para os hospitales; homens e mulheres procuravam entre os prostrados pessoas da sua familia colhidas no fogo.

Houve gritos, scenas de consternação locantissima. O numero dos mortos e feridos entre municipaes, sublevados e populares, é bastante consideravel, infelizmente. Alguns d'esses feridos acham-se em estado muito grave.

O ataque aos paços do concelho

Vencidas na rua de Santo Antonio, as tropas insurreccionadas confluíram na praça de D. Pedro e recolheram no edificio dos paços do concelho. Procuraram a porta e postaram-se junto das janellas do rez do chão e das varandas do primeiro andar.

A's onze horas e meia chegaram duas peças d'artilleria de montanha da Serra do Pilar, collocando-se uma a esquina do largo dos Loyos e outra na esquina dos Congregados, ambas assestadas para a camara municipal.

As peças eram cobertas por atradores da primeira companhia da guarda municipal que se escondiam atraz do kiosque de ferro da praça e das arvores que ha no local. Capitães com

mandavam essas forças e o ataque, foi dirigido habil e corajosamente pelo sr. major Graça.

Rompeu-se o fogo d'artilleria e da fuzilaria a que os insurrectos responderam furiosamente.

A guarda municipal affirmou o ataque com grande valentia, supportando por instantes o combate a peito descoberto. Sustentou fogo em continuas descargas, apoiando o despejar da artilleria.

Este tirotoio desesperado durou mais de duas horas, n'um ardar extraordinario de peleja. Ao cabo d'este tempo, a frontaria do edificio achava-se muito danificada.

As paredes, as hombroiras, as portas foram rotas pelas balas d'artilleria.

Um dos balazos que atravessou a fachada do edificio, foi espelhaço parte da moldura do retrato d'el-rei D. Carlos, que se acha no logar da presidencia da sala das sessões.

A idéa d'esse retrato ficou rasgada, podendo apenas ser aproveitado o busto.

Outros retratos ficaram tambem muito deteriorados pelas balas d'artilleria e d'espingarda.

Um agente de policia que se achava na rua do Laranjal, reparou que bastantes revoltosos fugiam pelas trazeiras do edificio. O policia foi avisar d'isso a guarda municipal.

Uma força d'esta vez dispôr-se na esquina dos Lavadouros e Laranjal e soldados da infantaria 18 postaram-se entre Lavadouros e rua da Fabrica, cortando assim a retirada aos insurrectos.

Proximo das tres horas a porta dos paços do concelho, foi arrombada por uma bala de canhão.

A terceira companhia da guarda municipal, sob o commando do capitão Dias, entrou na praça de D. Pedro, pelo lado do Café Suíço e avançou para a casa da camara.

A este tempo descia pela rua da Fabrica a primeira companhia, sob o commando do capitão Negro; penetrando no edificio dos paços do concelho.

No occasião em que essa companhia entrava, já parte da quarta, commandada pelo capitão Ferreira, e indo á frente o sr. major Graça, adeontou-se onsdadamente pelo meio da praça, a fim de cooperar na tomada do edificio da camara.

No atrio dos paços do concelho entregou-se á municipal um soldado da guarda fiscal.

Os bombeiros que se achavam de piquete na estação central não retiraram da casa da camara, achando-se o telephonista em constante communicação com o sr. inspector geral dos innocentes.

Quando os soldados da guarda municipal entraram na camara, os insurrectos tinham-se refugiado nos quintaes das casas da rua do Almada; foram presas muitas praças de infantaria 18, caçadores 9 e guarda fiscal que não offereceram a menor resistencia apesar de estarem armadas.

A guarda municipal tendo passado revista a todas as salas dos paços do concelho procurou uma bandeira nacional a fim de substituir a que os revoltosos tinham bastardo.

A substituição da bandeira realisou-se ás quatro horas menos vinte minutos.

A bandeira republicana foi para o quartel do Carmo com uma parte do armamento apprehendido. A outra parte foi levada para o commissario geral de policia.

Até ao anoitecer ficaram soldados ás embocaduras das ruas, impedindo o transitio na praça de C. Pedro. Dentro do edificio da camara, ficaram as

O Movimento do 31 de Janeiro de 1891 na Póvoa de Varzim

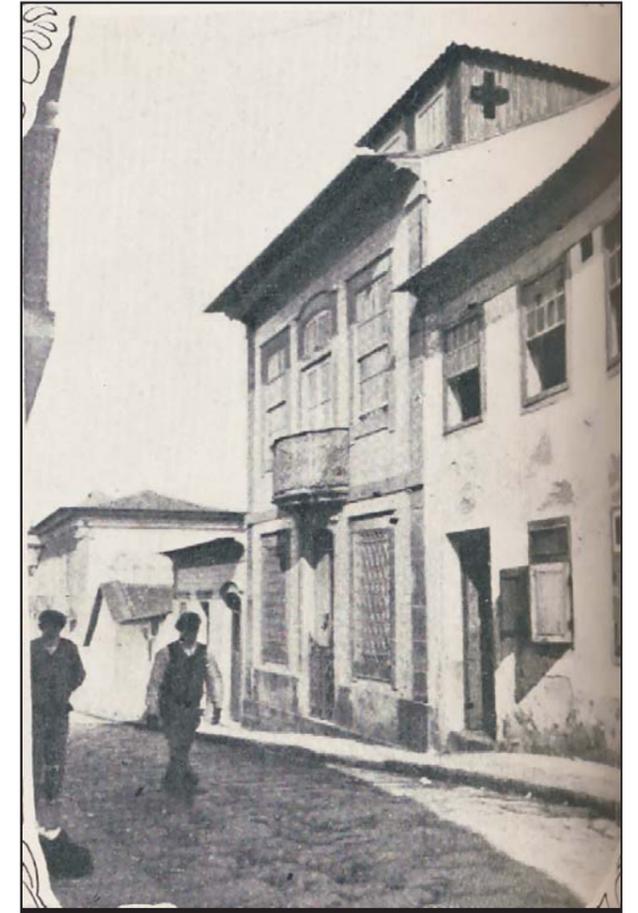
Destaque Bibliográfico

“Sempre a memória que o calendário fustiga e revolve. Uma outra história ainda se fará um dia: a das comemorações da história. Estranho e permanente este pendor do homem pelas datas. Afinal, também pelos números, quando mágica e subtilmente se agrupam: 1640 1789 1891 1910 1917 1974. Quando falam por si e enchem a imaginação de gritos e bandeiras. Por isso este redizer. De novo desfolhando a coincidência temporal e a memória.

Na agonia da revolta de 31 de Janeiro de 1891, perante a desorientação que os disparos da Guarda Nacional causaram aos manifestantes civis e militares que subiam em procissão cívica a Rua de Santo António, ainda se tentou um último esforço de aglutinação popular. «Apelando – escreveu Bazilio Teles – para as massas operárias da cidade. Para isso lançar-se-ia um manifesto aos habitantes, e ir-se-ia conferenciar com os populares de influência». E coube a Rocha Peixoto o honroso mandato de o redigir. [...]

Por outro lado, um dos membros mais importantes do Partido Republicano, o Dr. Alves da Veiga, deixou o país em direcção ao exílio, embarcado numa catraia poveira timonada por um velho e experimentado arrais, conhecido por Tio Dibó. Peripécia movimentada e aventureira, conta-a o médico poveiro João Pedro de Sousa Campos, a quem Alves da Veiga «pediu para lhe arranjar um barco que o transportasse a Espanha, visto não poder conservar-se por mais tempo no Porto nem sair do país por via terrestre, vista a insistência com que era procurado».[...]

As lições do 31 de Janeiro de 1891, não as dá o saudosismo comemorativo, mas a reflexão lúcida de uma época dominada por sintomas da crise política e social, geradores de imagens e problemas que nos pretendem fazer crer nas repetições da história, mesmo quando sabemos



Rua Dr. António da Silveira [antiga Rua da Bandeira]. Casa do Sr. Manuel José da Silva, onde esteve hospedado o Dr. Alves da Veiga, de 17 a 19 de Fevereiro de 1891.

que nenhuma névoa ou miragem pode esconder o seu vigoroso sentido dialéctico, pois, como diz o poeta: tudo é composto de mudança.”

LOPES, Manuel - Memória poveira de 31 de Janeiro de 1891. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim: OCPV, Ano 82, nº (26 Jan 1984), p. 1 e 10.

Rocha Peixoto e os ideais republicanos

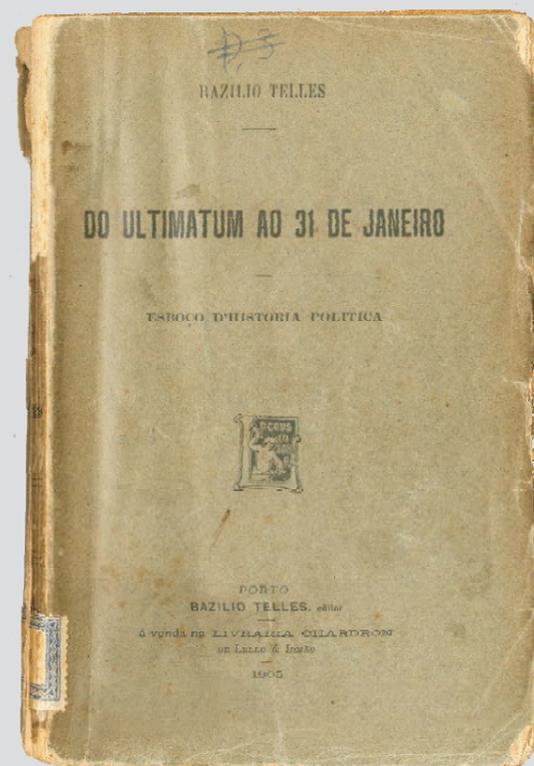
“O papel desempenhado por Rocha Peixoto na revolução do 31 de Janeiro foi veladamente evocado por **Basílio Teles** no seu livro **Do Ultimatum ao 31 de Janeiro (esboço d'história política)** (Porto, 1905). Existe na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim um exemplar da obra, que o próprio autor ofereceu a Rocha Peixoto com a seguinte dedicatória autógrafa, no anterosto: **Ao querido e velho amigo Rocha Peixoto / off. cordealmente/ B. Telles**. Nas páginas finais do volume há, nas margens, anotações a lápis escritas por Rocha Peixoto (cuja letra se reconhece logo), anotações que identificam as personagens que, sem indicação dos respectivos nomes, Basílio Teles cita no texto. Esses averbamentos manuscritos confirmam (ou informam):

1º - que foram Rocha Peixoto e Ricardo Severo quem na manhã de 31 de Janeiro correram a chamar Basílio Teles à Foz contando-lhe o que se estava passando no Porto, inspeccionando depois, os três amigos, a zona central da cidade, no intuito de conhecerem os movimentos das tropas leais ao Governo;

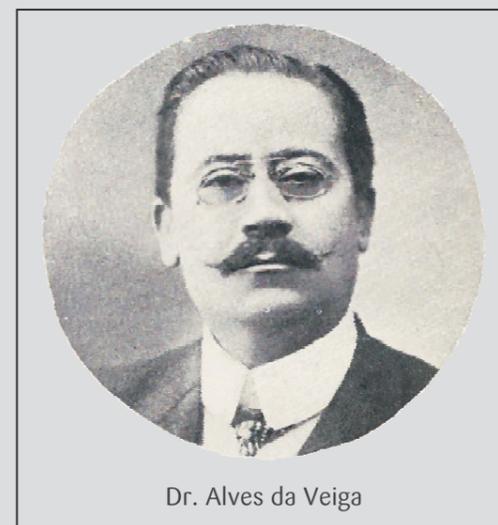
2º - que foi Rocha Peixoto, com vinte e quatro anos na época, quem a meio da manhã redigiu o manifesto (que «não encontrou typografia que se prestasse a imprimi-lo») destinado à população civil, e sobretudo aos operários, pelo qual se pretendia provocar focos de agitação que distraíssem as forças da Guarda Municipal;

3º - que pouco depois Basílio Teles e Ricardo Severo, vendo a revolta comprometida, se separaram de Rocha Peixoto, partindo o primeiro para o Sul, e o segundo para o Norte, à procura de reforços para os amotinados. [...]

Flávio Gonçalves - Rocha Peixoto: nas vésperas do centenário do seu nascimento. Póvoa de Varzim: Boletim Cultural. Vol. IV, nº 2 (1965), p. 342.



Relato da fuga de Alves da Veiga



“Foi em 15 de Fevereiro de 1891 que recebi na minha casa da Póvoa de Varzim o cidadão José Augusto Correia de Figueiredo, solicitador no Porto, que me entregou uma carta de Alves da Veiga, na qual me pedia que lhe arranjasse um barco que o transportasse a Espanha, visto não poder conservar-se mais tempo no Porto nem sair do país por via terrestre, visto a insistência com que era procurado. Chegou à Póvoa de Varzim às 11 horas e meia da noite de 16 num coupé do alquilador Nipo que o deixou no lugar das Portas Fronhas, ponto combinado para o acompanhar ao embarque para o qual já preparara tudo.

Chovia, ventava, era uma noite de tempestade com o mar furiosamente agitado e o embarque tornava-se impossível. Tratava-se de recolher Alves da Veiga e não

lhe podia oferecer a minha casa, assaltada pelas autoridades poucos dias depois da revolta e por isso levei-o para a residência do meu cunhado Manuel José da Silva, na rua da Bandeira, 212, onde estive até à madrugada de 10 de Fevereiro em que embarcou. O chefe civil da revolta do Porto vestia um traje de pescador poveiro. Tremíamos todos numa grande ansiedade.

O barco estava preparado; a tripulação também. O *Oceânia*, que ainda hoje existe e tem o n.º 427 de matrícula, foi o baixel indicado para transportar o homem que a polícia perseguia.

Seria tripulado por três homens, o seu proprietário, dono da casa de banhos da rua do Paredão, António da Costa Marques, e o mais experimentado dos lobos de mar de Varzim, o velho Dubo.

Estava tudo magnificamente combinado. O mar aplacara-se, mal luzia a manhã quando partiram.

Navegaram assim até ao porto da Guardia, em Espanha. Lá o deixaram; de lá seguiu o seu destino o nosso actual Ministro na Bélgica. [...]

João Pedro de Sousa Campos
In “Ilustração Portuguesa” (2 Out. 1911), p. 420-421.

